

Desalojos Cero. Vídeo participativo e dimensão urbana

Stefano Collizzolli, Universidade de Pádua, Departamento de Sociologia, Via del Santo, 2, 35100, Pádua (Itália)

1. O que é o PV

1.1. Práticas idiossincráticas, teorias não claras

Comunicação que não funciona em ambas as partes, que não vai a lugar nenhum.

Alan Alda

Os métodos de vídeo participativo (PV, Participatory video) já têm mais de quarenta anos. O caminho que, de fato, deu vida ao método, começou em 1969: o *Fogo Process*.

Todavia, faltam ainda uma definição consensual e uma proposta de teorias que junte concretamente experiências de tipo muito variado: uma literatura, mesmo que relativamente vasta, acaba em relatórios de projetos individuais (Ferreira 2006; Gilbert s.d.; Gonzalo Olmos e Ramella 2005; Lunch 2004, Molony, Zonie and Goodsmith 2007; Odutola 2003; Riaño 1994, Rose 1992, Snowden 1983; Lunch 2004, 2006a, 2006b; Nathaniels, 2006; e etcetera) e manuais (Braden and Than 1998, Chambers 2003, Clive Robertson and Shaw 1997; Lunch e Lunch de 2006).

Até a contribuição mais estruturada no campo, o volume editado por Shirley White (2003), apesar de ser completa e valiosa, sofre com o fato de que “sua contribuição teórica é limitada. É um livro sobre a prática e não sobre a teoria e, como tal, não mantém unidos os muitos *case studies* em uma forte estrutura teórica”. (Pink 2004)

Esta limitação é compreensível, sendo que o PV é um conjunto de práticas essencialmente operacionais e altamente circunstanciais e idiossincráticas.

Ainda, o fato de que as experiências que são reconduzíveis à ligação entre a participação e vídeo foram realizadas em diferentes momentos e lugares do mundo, de modo “caleidoscópico” (White, 2003) e muitas vezes sem ter qualquer notícia uma das outras (Huber, 1998) tendo assim quase que recomeçar da zero, torna o campo ainda mais evasivo.

Tudo isso sugere que a análise de *case study* seja precedida por uma breve introdução.

Iremos então chamar de vídeo participativo, ampliando uma definição de Su Braden e Victor Young “um conjunto de aplicações alternativas das tecnologias áudio-visuais em projetos de desenvolvimento” ou em projetos de intervenção social e política, “cujo objetivo é produzir a mudança social” ou a transformação individual. (Braden, Young, 1998)

Uma característica comum para estas aplicações é a de colocar ênfase no aspecto participativo do processo de produção áudio-visual (Johansson, 1999b). O que determina a possibilidade de impacto social de um vídeo não é muito o tema “social”, mas sim o processo social, coletivo e participativo na sua produção. (Bery, 2003)

Por um ponto de vista mais prático, se pode descrever o que acontece em um projeto de PV falando dele como:

A scriptless video process, directed by a group of grassroots people, moving forward in iterative cycles of shooting-reviewing. This process aims at creating video narratives that communicate what those who participate in the process really want to communicate, in a way they think is appropriate. Johansson et al. 1999, 35)[1]

A partir dessas definições, para delinear as possíveis ações sociais e o impacto educativo e transformativo delas, entrarei agora em detalhes na narração e na análise do *Fogo Process*; e isto não só pelo seu caráter pioneirístico, mas também por ter assumido, com o tempo, um caráter paradigmático, regulamentar.

Poderiam ser escolhidos outros pontos de largada: começando pela obra de Cesare Zavattini na Itália por um cinema popular e pela construção de uma rede de “cinejornais livres” (2002, :976-997), até a experiência plurianual da FAO. (FAO 1987; FAO e UN 1996)

Os elementos do padrão, no entanto, são mais interessantes, pois permitem compreender em que maneira um campo olha para si mesmo. O *Fogo Process* também tem a vantagem analítica de apresentar com muita clareza algumas das características básicas da abordagem.

1.2. O Fogo process

Com *Fogo process*, entende-se um processo de criação cinematográfica com a participação e intervenção da comunidade, que teve lugar na ilha do Fogo, no Estado de Newfoundland, no Canadá, principalmente entre 1967 e 1969 [2].

Dirigidos por Don Snowden, responsável do Departamento de Extensão da Memorial University of Newfoundland (MUN) (Extension 1972; Quarry 1984), o buscador no campo Fred Earle, pertencente ao mesmo departamento e o diretor Colin Low, do National Film Board of Canada (NCFB), têm produzido 28 breves documentários, tentando, com a participação dos habitantes, de criar uma imagem comum da vida na ilha. (Williamson, 1973, Williamson 1991)

Os 28 filmes têm duração entre 10 e 30 minutos; bastante breves, mas mesmo assim desenvolvidos o suficiente para contar inteiramente uma história - que é o que eles fazem, uma vez que, programaticamente, recusam o *intercutting* e cada um é o retrato completo e concluído de uma só pessoa, ou de uma só situação.

Os filmes são centrados nas personagens dos protagonistas e não em temáticas abstratas – para melhor dizer: filmes centrados em pontos de vista altamente específicos de uma situação e idiossincráticos sobre problemas concretos e transversais.

Através de um percurso complexo de projeções e discussões em todas as aldeias da ilha [3], esses três filmes têm dado origem a um processo de auto-reflexão e *empowerment* em um nível local, que produziram resultados concretos em termos de capacidade, por parte da comunidade, de assumir coletivamente o próprio destino. (Huber, 1998; Quarry 1994)

Além disso, os filmes têm sido um instrumento fundamental de comunicação com o distante poder político central que estava planejando a mudança de todos os habitantes em áreas economicamente mais habitáveis: eles foram projetados ao Ministro das Pescas, em Ottawa, que decidiu responder através de um vídeo. Isso deu origem a um ciclo de feedback, após a qual – e em seguida à mudança social originada (também) a partir das filmagens, montagem, projeção e auto-reflexão - o governo tem, finalmente, dirigido seus esforços para ajudar os ilhéus a permanecer na ilha. (Crocker 2003; Crocker 2008)

1.3. Circuitos de feedback

Vamos fazer um passo para trás e voltamos às projeções da ilha. Novamente, nas palavras de Don Snowden,

Even though video will be unknown to the community, it is a technology that ordinary people can use and control, and by having the time to become familiar with it in a public setting, they may be encouraged to learn from it rather than to fear it or be mystified by it. *Its successful use involves both the screening of video tapes and discussion based on what the tapes have presented.* (o itálico é meu) [4]. (Snowden 1983)

O fato de se ver como uma comunidade reunida em vídeo, representada por pessoas conhecidas que falavam a língua da ilha, seja pelo ponto de vista formal que substancial, e que talvez sem o vídeo não poderia ter palavra em público, tornou-se um poderoso catalisador para as discussões - não só em relação a estratégias de longo prazo, mas também sobre questões de organização da comunidade aparentemente menores, mas importantes:

(The screenings) instant impact was particularly evident at a community Council meeting in Lords' Cove (...) where playback of the meeting provided those present an opportunity to view the

appalling lack of participation and to look at their own apathy. As a result of this realization the meeting was rescheduled, received greater participation and resulted in a new election of officers[5]. (Extension 1972)

Estava-se criando um *circuito de feedback interno*, sempre mais animado e envolvente.

Em uma segunda etapa, os filmes começaram a circular entre as várias aldeias, coisa que para as pessoas era difícil.

A ilha, mesmo que pequena, estava dividida por fraturas profundas, principalmente em relação à confiança recíproca. A credibilidade que um morador poderia ter em outro morador era muito menor do que a credibilidade que o próprio habitante, tornado-se personagem, mostrou ter com a mediação do vídeo.

Este circuito de feedback se desenvolve entre comunidades e outras comunidades e entre os grupos humanos homogêneos entre eles e igualmente periféricos na distribuição do poder, mas separados por barreiras de vários tipos; chamaremos isto de *circuito de feedback horizontal*.

Another thing community workers can do is to take video tapes they have made with one village group and show them to the same kind of group in another village. Video (...) becomes a new form of learning. This is known as horizontal learning and is becoming increasingly acknowledged worldwide as an essential component of education, usually (but not exclusively) among adults.

Village people can use video to teach themselves, from within their own village, or between their village and other villages, and they are doing this increasingly.[6] (Snowden 1983)

1.4. Circuitos de feedback e ações sociais

Identificamos então três dimensões de funcionamento do processo.

Chamamos *circuito de feedback interno* o diálogo que as projeções dos filmes de Fogo desencadearam ao interno da comunidade que contou sobre si mesma, e *circuito de feedback horizontal* o diálogo que nasceu entre as diferentes comunidades do mesmo nível. Ambos estes circuitos de feedback parecem ser o lugar onde se realizam dinâmicas de construção de uma confiança individual em si mesmo[7] - pela qual vem uma possível ação social *terapêutica* - e de confiança coletiva em nós[8] - pela qual vem uma possível ação social de *empowerment*.

Chamamos enfim *circuito de feedback vertical* a inédita comunicação direta entre o centro do poder e a periferia, que houve durante o processo: uma possível ação social de *advocacy*.

Esta tipologia é usada principalmente como uma rede de orientação; não pretende ser **resoludora**, mas sim trazer para fora hipóteses que façam emergir perguntas, traços de categorização dos fenômenos, das práticas e dos significados que giram em volta do campo.

Mas surge um problema onde se quer modelar a abordagem. Snowden nota que para que isso funcione é preciso um contexto essencialmente virgem pela penetração de meios de comunicação de massa.[9]

Um contexto, então, na qual o meio expressivo do vídeo seja em si bastante *inesperado*, para que possa superar as barreiras entre periferia e centro - e não em virtude do seu valor intrínseco (estético, comunicativo, emocional) ou de uma ação de reivindicação que o acompanhe, mas sim pelo simples fato de existir. E que seja tão pouco comum a ser relevante para o estabelecimento de circuitos de feedback internos e horizontais.

Com estas condições, a própria possibilidade de desencadear circuitos de feedback parece limitada não só por fatores de caráter geográfico/social-econômicos e culturais, mas também por fatores históricos. Excluindo muitas poucas comunidades, a semiosfera (Lotman 1985) humana é globalmente atingida pelos mídias. Bruce Lee é muito popular entre as crianças palestinas e os *cinéma de la brousse* trazem pela savana africana improváveis vídeo CDs de violentíssimos *action movies* americanos.

Este é um fator que deve ser considerado no planejamento de um percurso de PV em um contexto urbano - onde as dinâmicas que acabei de mencionar são certamente mais abrangentes.

Isto porém não torna impossível imaginar a criação de circuitos de feedback em contextos que são **iper**-atingidos pelos mídias. Simplesmente coloca condições mais rigorosas para que isso possa

acontecer – ou seja, requer uma ligação real entre a produção de filmes e os processos sociais locais.

À base dos circuitos de feedback parecem existir dois elementos: a superação técnica da distância espaço-temporal e a atribuição de status.

O primeiro tem a ver com a possibilidade de restringir e redesenhar o espaço e o tempo por parte dos meios técnicos de comunicação. Através da possível superação daquilo que Thompson (Thompson 1995): 37-39 chamou de *distanciamento espaço-temporal*, os moradores de Fogo conseguem chegar até os distantes governantes em Ottawa.

Este não é um mero efeito técnico; na verdade, os ilhéus utilizam um meio que é tradicionalmente (e em especial na época) usado no campo da quase-interação mediada para implementar uma interação mediada (Thompson 1995): 122 -151. E provavelmente é esta a razão do sucesso; não é apenas a simplificação da circulação do vídeo, ao invés de transferir toda a população da ilha até Ottawa na espera de uma audiência face a face - não só para economizar os preços das passagens, mas porque, provavelmente, tal audiência nunca teria sido concedida.

Isso nos leva ao segundo elemento: o uso do vídeo permite uma *atribuição de status* que torna possível a superação das barreiras entre periferia e centro (Habermas, 1996: 423-424) como torna possível, no caso do circuito de feedback horizontal, o diálogo mediado entre as diferentes e rivais comunidades dentro da ilha.

De onde vem esse poder da mediação áudio-visual de atribuir status?

Em primeiro lugar, pelo persistente caráter unidirecional da esmagadora maioria dos fenômenos de comunicação áudio-visual [10]: sempre que uma quase-interação mediada se torna uma interação mediada, parte da esfera de silêncio que a comunicação unidirecional típica da quase-interação mediada traz consigo vai na interação mediada.

Em segundo lugar, pelo status de recurso cognitivo que a linguagem áudio-visual, e especialmente a televisão, tem mantido ao longo dos anos. (Stella 1999 :27-52.)

Apesar de décadas de reclamações do poder manipulatório e ideológico das comunicações de massa, tanto a nível teórico quanto a nível do discurso de sentido comum, a comunicação áudio-visual é ainda (e talvez cada vez mais) lugar de credenciamento de conhecimento – tanto de conhecimentos cognitivos, quanto de conhecimentos de vida cotidiana.

A difusão da cobertura dos mídias pode, de fato, ao contrário do que pensava Snowden, ser um fator que não só não obstaculiza, mas facilita o início de um circuito de feedback, pelo menos em um nível horizontal [11].

Enfim, tanto o circuito de feedback horizontal quanto o vertical (e de certa forma até mesmo o interno) funcionam nos pontos estreitos da estrutura social do contexto na qual o percurso de PV é realizado. O PV pula os obstáculos: de status, de distância geográfica, de desconfiança ou de hostilidade. (ZaLab, 2007)

Então e mais uma vez: a chave para o funcionamento no processo está na ligação explícita entre o processo de produção do filme e os processos sociais.

E é isso que temos ainda de aprender pelo Fogo process nessa era das novas tecnologias, nômades e super leves, que parecem ter tornado obsoleta a noção de distância e proximidade. O sucesso não foi apenas um resultado da tecnologia disponível para os habitantes da ilha, mas também pela maneira em que foi integrada na vida deles. Os testes conduzidos em Fogo são sobre o uso político e social dos mídias, levantam uma questão que ao longo do tempo tornou-se ainda mais importante: para que servem os mídias? Agora que se pode representar qualquer coisa, por que deveríamos fazê-lo? O *Fogo process* nos direciona para o primeiro e mais fundamental problema de política dos mídias: que papel podem assumir os mídias na formação de estruturas políticas coletivas? (Crocker, 2008)

2. Case study: um laboratório urbano

O laboratório de PV, que constitui o *case study* para este artigo, foi realizado em Santo Domingo, na República Dominicana, entre 18 e 27 de Abril de 2007, como parte do segundo encontro da Universidade Popular Urbana da Aliança Internacional dos Habitantes .

Há duas razões para esta escolha: primeiro, a extrema contração de tempo (oito dias de trabalho efetivo) permite ver o método de trabalho em condições extremas, onde são mais evidentes a funcionalidade e a desfuncionalidade (e ao mesmo tempo reduz a quantidade de história). Foi então uma experiência onde a dimensão urbana é muito importante, e, portanto, permite destacar o seu potencial e os seus riscos.

Continuarei na exposição de forma analítica, narrando passo a passo o desenvolvimento do percurso - eu espero, desta forma, que a história se torne mais plenamente apreciada; o meu objetivo é proporcionar reflexões, mas também indicações práticas e operativas.

2.1. Contexto e backgrounds

A Aliança Internacional dos Habitantes (www.habitants.org) é um espaço unitário ativo desde 2003 para as associações e os movimentos sociais urbanos, que até agora tem visto a adesão de mais de 200 organizações de mais de 30 Países. Seu objetivo é o de permitir o intercâmbio de experiências, o desenvolvimento de estratégias comuns e campanhas de solidariedade global, como a Campanha Despejo Zero.

A Rede promove a Universidade Popular Urbana (<http://up.opencontent.it/cdiai/>): um processo de reuniões de formação e investigação, aberta, participativa e construída a partir do fundo, e dirigida por líderes comunitários e ativistas no campo do direito à moradia e à construção social do habitat. Em paralelo com a segunda reunião da UPU [12], houve um laboratório de PV dedicado à participantes dominicanos.

A situação mostrou imediatamente de modo bastante claro, de ser dirigida ao trabalho coletivo. Tal direção, que também resultou pelas demandas, necessidades e expectativas dos participantes, era a de uma obra de impacto e militante, imediatamente útil para as prioridades da campanha em curso, Desalojos Cero (Despejo Zero). A campanha, de dimensão mundial, tinha uma importância relevante na República Dominicana e na cidade de Santo Domingo, que estava passando por uma fase de despejos violentos de comunidades inteiras. Os despejos, muitas vezes ilegais, terminavam com a destruição das casas.

2.2. Participantes

Participaram do laboratório dezoito pessoas, que em seguida foram divididas em dois grupos. Esse número, muito superior a respeito das exigências do formador, vem pelo fato de que cada organização que faz parte da rede que estava sendo estruturada na República Dominicana enviou um representante; havia então sindicalistas, padres, jovens pesquisadores de universidades e representantes de comitês dos cidadãos como Uprobrisas e Junta de Vecinos de Los Angeles [13], ou de organizações de rede como Codecoc e Conamuca.

Dois elementos devem ser notificados sobre a composição do grupo: a extrema desigualdade dos componentes, por um lado, e a homogeneidade de suas motivações, por outro.

O grupo foi desigual na idade (entre 20 e 65 anos), genero, competências e capital social dos componentes; antes que tudo, esse grupo não existia como tal antes do laboratório.

No entanto, ele se mantinha junto pelo caminho comum de ativismo no campo das lutas pelo direito à moradia e pelo fato de que cada membro participava em nome do seu grupo de referência mais amplo, seja ele comunitário ou político. Estávamos em um contexto onde os *nós* eram mais importantes dos *eu*, e na qual os *eu* se apresentavam automaticamente como parte de *nós*, *nós* muito próximos, envolvendo a personalidade toda e não aspectos de interesse ou de representação.

A formação foi realizada em espanhol.

2.3. Desenvolvimento do laboratório

2.3.1. Parte da sessão

18 de Abril - sessão: lançamento do seminário

Depois de uma inicial introdução da proposta vem projetado um trabalho realizado por um anterior laboratório de vídeo participativo na Palestina, *Sotto lo stesso tetto -Sob o mesmo teto*. (zaLab, 2006)

A proposta de laboratório é novamente discutida e aprofundada em conjunto. O equipamento é então apresentado; cada um entrevista e é entrevistado por um outro participante do laboratório (Lunch and Lunch 2006). As perguntas são apenas duas: auto-apresentação e expectativas em relação ao trabalho comum.

Analisamos e discutimos novamente as entrevistas. Decidimos definitivamente, em relação às expectativas dos participantes, o que vai ser feito.

O grupo é dividido em dois grupos, com base nas necessidades logísticas dos participantes: um grupo vai trabalhar na parte da manhã, o segundo à tarde. Cada grupo começa a discutir sobre o tema do filme. No momento final da sessão, os dois grupos trocam e comentam uns aos outros os sujeitos.

O grupo da manhã irá trabalhar sobre crianças de rua (um tema sobre o qual eles são muito sensíveis, mas com o qual não estão realmente em contato: PV como uma ferramenta para explorar a realidade social circundante); o grupo da tarde irá trabalhar sobre os despejos forçados (tema que afeta diretamente muitos dos participantes: PV como uma ferramenta para a narração e para ter acesso a uma *voice*).

O lado mais técnico da formação de filmagem foi abordado "guiando" os participantes enquanto experimentavam diretamente com o equipamento; no primeiro dia de trabalho têm sido abordados os temas essenciais.

Depois de um pouco de teoria de filmagem, com a introdução dos conceitos do campo e fora do campo e da escada dos planos, nos dirigimos para alguns exercícios simples de composição e narração que foram posteriormente analisados e comentados.

Em um segundo momento, houve um mínimo de treinamento no uso do tripé e exercícios de movimento da filmadora e de movimento da personagem.

2.3.2. Os caminhos // o grupo da manhã (Los niños del Sol)

19 de Abril: o sujeito

Após o treinamento técnico explicado no parágrafo anterior, discutimos sobre sujeito e tratamento. Esta é uma fase que normalmente demora muitos dias de trabalho, pois raciocinar consensualmente em termos sociais e de filmagem não é um caminho imediato.

Decidimos que o papel central deve ser as crianças de rua (excluindo outros sujeitos potencialmente interessantes: crianças não de rua, adultos representando os pais e as mães...) que iremos entrevistar e observar em suas vidas diárias.

O discurso analítico virá de uma entrevista de um padre salesiano que dirige um centro para as crianças no bairro do Cristo Rey.

Discutimos ao longo sobre as perguntas a serem feitas às crianças, o tipo de relação a ser estabelecida com eles e como chegar a estabelecê-la.

20 de Abril - Primeiro dia de filmagens – as crianças

Treinamento filmadoras e filmagens.

Após uma rápida repetição dos elementos teóricos e práticos do dia anterior, formou-se uma tropa: demonstração prática de organização e utilização do equipamento, organização do trabalho, secretaria de edição.

A primeira entrevista com uma criança, Manuel, sofre com a falta de tempo de preparação e, portanto, de pouca atenção sobre a importância da relação. A personagem responde enquanto limpa o sapato do entrevistador - é o trabalho dele e queremos contar isto; mas isso estabelece uma

relação hierárquica, confirmada pelo teor das perguntas: “Que opina usted de la problemática della niñez? ” (Resposta: “Dígame??”).

Pouca parte da entrevista pode ser utilizada e, se o objetivo for entrar em contato com uma realidade que se quer mudar, certamente tal meta não foi atingida. A partir desta experiência, discutimos novamente e ao longo sobre estes temas. A segunda entrevista vai melhor.

21 de Abril - manhã, segundo dia de filmagens: a entrevista ao sacerdote

Esta é uma entrevista diferente das entrevistas a serem feitas às crianças: não narrativa de história de vida, mas informativa. Podemos então pensar de maneira diferente sobre o impacto que terá a filmadora e a nossa utilização dela, e podemos escrever um esquema mais atraente. A entrevista, muito mais simples, fica melhor.

22 de Abril - manhã, primeiro dia de montagem

Superando a frequente falta de energia elétrica e os problemas informáticos acidentais, se desenvolve uma introdução a essências do programa de montagem.

Durante vários exercícios, emerge dramaticamente a diversidade interna do grupo, neste caso pelo ponto de vista da alfabetização informática. Alguns dos participantes nunca usaram um computador e dominar o software de montagem é muito complicado; isso cria uma divisão no grupo e alguma tensão entre os participantes. Conseguimos mesmo assim chegar à colocação das filmagens de observação e entrevista às crianças.

23 de Abril - manhã

Grande parte do grupo não está presente: foram a uma visita organizada pela UPU. Com apenas dois participantes, o trabalho pode ser compartilhado em um nível muito maior. Grande e positiva tensão de trabalho.

Trabalhamos na entrevista ao sacerdote, utilizando-a como guia, discutindo profundamente sobre as posições expressas e mantendo apenas o que pensamos seja realmente necessário. Saem onze minutos, que reduzimos com dificuldades.

24 de Abril - manhã

À tarde há a projeção da sessão da UPU. Para o trabalho da manhã o objetivo é socializar ao resto do grupo o trabalho realizado na parte da manhã e terminar a montagem para a projeção da tarde. Mas não há luz. Normalmente a luz volta mais ou menos às dez horas da manhã; o que não aconteceu hoje.

Mudamos então para a faculdade. Em menos de duas horas o formador conclui a montagem. O grupo escuta o editor que anuncia em voz alta o que ele está fazendo, observando para trás dele. Para algumas escolhas há o tempo para discutir, para outras não.

Apesar da dinâmica técnica e vertical, a tensão do grupo e seu nível de envolvimento emocional são muito elevados.

2.3.3. Percursos // o grupo da tarde: (Desalojos cero)

19 de Abril - tarde

Após o treinamento técnico e os exercícios, os trabalhos são obrigatoriamente suspensos por causa da demonstração da universidade contra a subida dos preços dos transportes públicos.

Temos apenas o tempo para entregar aos que vêm de bairros uns itens para a ação maciça de despejos, de entrar em contato e comunicar com potenciais testemunhas, discutindo muito rapidamente sobre o conteúdo do discurso que faremos a eles.

20 de Abril - Tarde, Valiente (Boca Chica)

Nós nos juntamos à visita ao bairro de Valiente (Boca Chica), organizada pela UPU. Somente após a chegada é claro que no bairro em questão não há testemunhas que foram previamente contatadas.

Não há necessidade de caçar cegamente; continuamos então à formação no uso da filmadora (movimentos de filmadora, técnicas de filmadora a mão).

Os moradores do bairro reagem negativamente e o grupo é obrigado à auto-apresentação e à justificação de sua ação. Reflexão coletiva sobre o impacto das filmagens de vídeo, momento de interação social sempre problematizado, com conseqüente discussão do sujeito e da definição das entrevistas.

21 de Abril - Tarde, filmagens em Villa Esfuerzo e Brisa de l'Este

Primeira entrevista em Villa Esfuerzo, pela qual vem uma das participantes. Acolhimento muito digno e tenso, sensação plena de estar no meio de uma comunidade que auto-conta de si. Muita participação e muito respeito para as filmagens.

A testemunha, Jazmin, foi escolhida em um momento de discussão comunitária coletiva; a tropa é acolhida por uma grande parte dos membros da comunidade. Alguns ficam para ouvir a entrevista, outros não. Confiam tanto na testemunha, quanto no dispositivo de narração que foi construído ao redor dela.

Duas entrevistas a mais em Brisa de l'Este, de forma muito mais destruturada.

22 de Abril – Tarde: visões e discussões

Problemas técnicos nos obrigam a abandonar o computador; revemos e discutimos então as entrevistas, estruturamos a montagem em palavras. Estabelecemos um guia - Jazmin, de Villa Esfuerzo - e decidimos conduzir a montagem sobre a história dela, ou seja privilegiar uma reconstrução cronológica sobre outras possíveis histórias (temáticas, flash forward, em blocos).

23 de Abril - Tarde: montagem

Grupo ao completo. Introdução ao programa de montagem; na primeira rodada de exercícios é claro que o tempo não será suficiente: se apresenta novamente o problema da analfabetização informática. O formador fecha o momento de aprendizagem e começa ele mesmo a montar; o grupo serve como diretor que dá indicações e discute as escolhas.

2.3.4. Os filmes produzidos; a restituição:

***Desalojos Cero*, 8', miniDV, Itália, República Dominicana, a cores, 2007**

Jazmin, do bairro de Villa Esfuerzo, junto com Candida e Cristina, do bairro de Brisa de l'Este da cidade de Santo Domingo, contam como elas foram despejadas, vimos suas casas destruídas, mas elas continuam a ocupar seus terrenos, vivendo em barracos.

***Los niños del Sol*, 8', miniDV, Itália, República Dominicana, a cores, 2007.**

Seguimos o dia de Miguel, um menino que ganha limpando sapatos. Escutamos também a opinião do sacerdote, que dirige o centro para crianças no bairro do Cristo Rey, S. Domingo.

A restituição teve dois momentos. Inicialmente, foram projetados os dois filmes no fim dos trabalhos da UPU. A discussão subsequente é composta principalmente de intervenções sobre o conteúdo, reações emocionais. Tenta-se levar o discurso sobre o método; o principal feedback dos participantes é sobre os problemas e as possibilidades de conciliar um grupo tão grande e diferente. Em geral, os participantes são vistos como uma nova tropa à disposição das necessidades da luta.

Dois dias depois, em Villa Esfuerzo, há a projeção de restituição à comunidade.

Apresentei intencionalmente, para esta discussão, um *case study* com luzes e sombras: são as histórias mais instrutivas. Deixo de lado, em conclusão, uma análise detalhada de elementos óbvios - como, por exemplo, o impacto do excessivo número de participantes e dos ritmos frenéticos sobre a compreensão global do progresso técnico, narrativo e social.

Da mesma forma, observo rapidamente que a impossibilidade de cuidar do caminho de difusão dos dois vídeos, que ocorreu depois da minha partida da República Dominicana, não permite colocar neste relatório uma dimensão fundamental dos caminhos de PV, a do impacto em arenas de esfera pública local.

Concentro-me ao invés sobre dois elementos que podem ser generalizados: a composição do grupo e da divisão entre dimensão metropolitana e dimensão comunitária.

3. Conclusões. PV, Contexto Urbano, Dimensão Comunitária

3.1. A composição do grupo

Lidar com um grupo composto por líderes comunitários de diferentes origens tem sido mais um problema do que um recurso. Em um primeiro nível, foi dedicada uma quantidade excessiva de tempo e energias ao trabalho de formação do grupo e as diferentes opiniões no mesmo tornaram as discussões difíceis e as vezes tensas.

Em um nível um pouco mais profundo, não houve a oportunidade de trabalhar sobre a identidade e as necessidades do grupo, instrumento fundamental na formação e única garantia possível de uma continuidade - que, neste caso, não tem havido.

Enfim, os amplos diferenciáveis de competências do início ao interno do grupo – alfabetização informática primeiramente – levaram à uma certa convergência ao interno do grupo, que nunca tem se tornado realmente conflitual mas que denunciava uma diversidade de poder.

Um problema semelhante de desigual distribuição de conhecimentos e de poderes se encontra, mais em geral, na introdução da montagem. Por um lado isto é um elemento fundamental para poder imaginar uma continuidade subsequente ao momento da formação; por outro lado é bem introduzi-lo cautelosamente e só quando for racionalmente possível. Se os tempos forem realmente muito curtos, provavelmente seria melhor evitar a irritação nos relacionamentos de poder e a difusão de frustração a respeito do percurso, e deixar a montagem com o formador.

Para generalizar, é possível afirmar que, para otimizar as possibilidades formativas e transformativas de um percurso de PV, o grupo de participantes deveria ser o mais possível homogêneo ao seu interno e possivelmente formado antes do seu percurso. Esta é uma garantia até de maior continuidade, pois há um sujeito coletivo à qual deixar o gerenciamento dos instrumentos. [14]

Isto vale ainda mais em uma dimensão urbana, na qual as forças centrífugas submetem qualquer tipo de grupo em situações de pressão e dispersão. Isto nos leva ao segundo ponto:

3.2 A dimensão urbana // a dimensão comunitária

A dimensão urbana não é a mais apta para um laboratório de PV.

Isto devido às razões *clássicas* de maior impacto do vídeo em contextos rurais – que porém, como temos visto no ponto 1.3, podem ser capotadas. E isto também, e talvez principalmente, por causa das dificuldades em individuar sobre quais pessoas ou grupos sociais contar, e a quem fazer isto.

No vasto mar da cidade, a abordagem PV provavelmente funciona só quando chegar às ilhas: às pequenas ou grandes comunidades que compoem a cidade, que são parte dela e que ao mesmo tempo são excluídas dela.

É o que foi feito com “Despejos Cero”, e particularmente com a comunidade de Villa Esfuerzo. A narração se tornou orgânica e realmente compartilhada, sem por isso perder a complexidade e a vasta quantidade de públicos atingíveis típicas da dimensão urbana.

Dirigir-se, ao contrário, a uma categoria transversal – e, pior ainda, a uma categoria não muito conhecida, como no caso de “Niños del Sol”, poderia levar ao fracasso. Na melhor das hipóteses se aprende, como aconteceu, como NÃO enfrentar o problema, e se começa a raciocinar sobre como enfrentá-lo – que na formação de líderes urbanos talvez não é um resultado de pouca importância.

4. Bibliografia

Braden, Su and Thi Thien Huong Than. 1998. *Video for Development. A casebook for Vietnam*. Oxford - London: Oxfam Press.

- Chambers, Robert. 2003. *Participatory Workshops - a sourcebook of 21 sets of ideas and activities*. London: Earthscan.
- Clive Robertson and Jackie Shaw. 1997. *Participatory video: A Practical Approach to Using video Creatively in Group Developmental Work*. London: Routledge.
- Crocker, Stephen. 2003. "The Fogo Process: Participatory Communication in a Globalizing World". in *Participatory video: Images that transform and Empower*, edited by S. White. London: Sage.
- . 2008. "Filmmaking and the Politics of Remoteness: The Genesis of the Fogo Process on Fogo Island, Newfoundland". *Shima: The International Journal of Research into Island Cultures* 2:59-75.
- Extension, Departement of. 1972. "Fogo Process in Communication: A reflection on the use of film and video-tape in community development". Memorial University of Newfoundland, St. John's. Fairbairn.
- FAO. 1987. "A rural communication system for development in Mexico's tropical lowlands." *Developement communication case study*.
- FAO and UN. 1996. "Communication for Rural Development in Mexico". in *Available online at the Communication Initiative Website*.
- Ferriera, George. 2006. "Pelican case study: Participatory video in the policy making process: the Keewaytinook-Okimakanak case study". University of Guelph, Canada.
- Gilbert, Bruce. s.d., "Speaking of Fish. Exploring the use of Popular Education in Rural Newfoundland". www.ryakuga.org/library/fish.html Retrieved 15.05, 2006.
- Gonzalo Olmos and Marcelo Ramella. 2005. "Participant Authored audiovisual Stories (PAAS): Giving the Camera Away or giving the camera a way?". *Papers in Social Research methods, qualitative series*, London School of Economics.
- Habermas, Jurgen. 1996. *Fatti e norme. Contributi ad una teoria discorsiva del diritto e della democrazia*. Milano: Guerini e Associati.
- Lotman, Jurij. 1985. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Venezia: Marsilio.
- Lunch, Chris. 2004. "Participatory video: Rural People Document their Knowledge and Innovations". *IK Notes, The World Bank Group*.
- Lunch, Nick and Chris Lunch. 2006. *Insight into participatory video*. Oxford: Insight.
- Molony, Tegan, Zeze Zonie, and Lauren Goodsmith. 2007. "Through Our Eyes: Participatory video in West Africa". *Forced Migration Review* 27:37-38.
- Odutola, Kole Ade. 2003. "Participatory use of video : A case study of community involvement in story construction". *Global Media Journal* 2.
- Pink, Sarah. 2004. "S. White (ed.) Participatory video : Images that Transform and Empower (review)". *European Journal of Communication* 19:411-412.
- Quarry, Wendy. 1984. "The Fogo Process: An Interview with Don Snowden". *Interactions* 2:28-63.
- . 1994. "The Fogo Process: An Experiment in Participatory Communication". University of Guelph.
- Riaño, Pilar. 1994. "Women in grassroots communications: furthering the social change". Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rose, Kalima. 1992. *Where women are leaders: The SEWA movement in India*. New Dehli: Vistaar Publications.
- Snowden, Donald. 1983. "Eyes see; ears hear". Memorial University, St. John, Newfoundland, Canada.
- Stella, Renato. 1999. *Box Populi. Il sapere ed il fare della neotelevisione*. Roma: Donzelli.
- Thompson, John B. 1995. *The Media and Modernity. A Social Theory of the Media*. Cambridge: Polity Press.
- White, Shirley A.; 2003. *Participatory video : Images That Transform and Empower*. London, Thousand Oaks, New Dehli: Sage.

Williamson, Anthony. 1973. "The Fogo process. User-oriented communication systems and social development. The Canadian experience". In *UNESCO meeting on the planning and management of new communication systems*. Paris.

—. 1991. "The Fogo Process: Development Support Communications in Canada and the Developing World". in *Communication in Development*, edited by F. Casmir. Norwood, N.J.: Ablex.

zaLab, Aut. Coll. ;, (Stefano Collizzolli, Andrea Segre, and Alberto Bougleux). 2006. "Zavattini digitale: dai cinegiornali liberi al vídeo participativo". *Quaderni del CSCI, IIC, Barcelona 2*.

zaLab, Aut. Coll.;, (Stefano Collizzolli, Andrea Segre, and Alberto Bougleux). 2007. "Gli occhi non accreditati". Pp. 123-135 in *Lavorare con la diversità culturale*, edited by A. Surian. Trento: Eriksson.

[1] Um processo de produção de vídeo sem roteiro, dirigido por um grupo de pessoas informadoras, que se desenvolve em ciclos repetitivos de filmagem e revisão. Este processo visa à criação de narrativas de vídeo que comuniquem aquilo que os participantes ao processo realmente querem comunicar, de uma maneira que eles acreditem apropriada. (Johansson *et al.* 1999: 35)

[2] De fato o processo tinha sido começado antes, com a carga ao Fred Earle como buscador no campo na ilha para o departamento de Extensão da MUN e prosseguiu para todos os primeiros anos '70.

[3] O vídeo catalisou a atenção dos presentes e estimulou discussões que Earle, até aquele momento, fatigou muito a obter. O entusiasmo – e a obstinação do Earle – foram notáveis: durante o primeiro ano do processo, os filmes foram projetados em trinta e cinco diferentes ocasiões, para um público de cerca de 3000 unidades (mais ou menos 5000 habitantes).

[4] Mesmo que o vídeo será desconhecido para as comunidades, é uma tecnologia que as pessoas comuns (*ordinary people*) podem usar e controlar e, tendo o tempo para familiarizar com ele em uma gravação pública, podem ser incentivados a aprender com ele ao invés de temê-lo ou ser mistificado por ele. Para o sucesso da utilização é necessária a projeção das fitas e uma discussão com base no que as fitas têm apresentado.

[5] O impacto imediato das projeções foi particularmente evidente em uma reunião comunitária em Lords' Cove (...), na qual o playback do encontro proporcionou aos presentes uma oportunidade de ver a espantosa falta de participação e de olhar para sua própria apatia. Como resultado desta realização o encontro foi reprogramado, teve uma maior participação e produziu a eleição de novos representantes.

[6] Outra coisa que os trabalhadores da comunidade podem fazer é pegar as fitas realizadas por eles com um pequeno grupo da aldeia e mostra-las ao mesmo tipo de grupo em uma outra aldeia. Os vídeos (...) se tornam uma nova forma de aprendizagem. Isso é conhecido como aprendizagem horizontal e está se tornando cada vez mais reconhecida mundialmente como uma componente essencial da educação, geralmente (mas não exclusivamente) entre os adultos. As pessoas da aldeia podem usar o vídeo para ensinar eles mesmos, por dentro de sua própria aldeia ou entre a aldeia deles e outras aldeias, e estão sempre mais fazendo isso.

[7] Principalmente entre os circuitos de feedback interno.

[8] Tanto nos circuitos de feedback interno, quanto nos circuitos de feedback horizontal.

[9] As técnicas aqui descritas que podem orientar o utilizo, por parte dos trabalhadores da comunidade, de vídeo com as pessoas da aldeia, são essencialmente para um público de analfabétas e deseducados. (Snowden, 1983)

[10] Não obstante a imensa diferença em termos de difusão da tecnologia áudio-visual entre os nossos dias e os dias na qual se desenvolveu o *Fogo process*, e não obstante a difusão de formas de diálogo espontâneas e não experimentais do utilizo do vídeo (por exemplo, os *threads* áudio-visuais de resposta debaixo dos clips baixados no youtube), me parece que ainda seja possível afirmar que o vídeo continua sendo um meio de comunicação substancialmente unidirecional.

[11] É preciso porém, evidentemente, ir além do utilizzo do vídeo como espelho e, começando desde as primeiras fases do processo, conscientizar-se em estar produzindo um texto áudio-visual que pretende inserir-se em um mainstream.

[12] Participaram aos dias de formação uns quarenta líderes de bairros populares e facilitadores vindos pela Argentina, Bolívia, El Salvador, Haiti, México, Peru, Puerto Rico, Itália, Reino Unido, Venezuela e República Dominicana. O encontro foi organizado com a colaboração do departamento de Urbanística da Faculdade Autónoma de Santo Domingo (UASD) e do principal referente dominicano da Rede, Coophabitat. Para outras e mais específicas informações:

<http://it.habitants.org/article/view/1875/> .

[13] Duas comunidades que tinham sofrido um despejo violento e que estavam ocupando o terreno deles, respectivamente em Brisa de l'Este e em Villa Esfuerzo, periferias de Santo Domingo.

[14] Que neste caso têm permanecido com a associação que coordenava a rede, COOPHABITAT.

Traduttrici: Mara Ghedini, Jandayra da Silva